



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17422 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT15 - Educação Especial

A LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO: CONSTRUINDO POSSIBILIDADES PARA APRENDIZAGENS DOS EDUCANDOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) NO ENSINO REGULAR ATRAVÉS DE OFICINAS EDUCATIVAS

Geysa Rodrigues Costa - UFMA - Universidade Federal do Maranhão

Dania Rafaela Ferreira Carvalho - UFMA - Universidade Federal do Maranhão

Simone Pereira Pinheiro - UFMA- PPGEEB – UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

A LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO: CONSTRUINDO POSSIBILIDADES PARA APRENDIZAGENS DOS EDUCANDOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) NO ENSINO REGULAR ATRAVÉS DE OFICINAS EDUCATIVAS

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, discute-se sobre uma educação de qualidade que inclua todas as pessoas no processo de aprendizagem escolar. Desta maneira entendemos que a sociedade como um todo precisa estar preparada para oportunizar a todas as pessoas, os direitos básicos resguardados pela Constituição Federal (88), possibilitando assim relações de acolhimento à diversidade humana, de aceitação das diferenças individuais de esforço coletivo na equiparação de oportunidades de desenvolvimento, com qualidade em todas as dimensões da vida. A sociedade inclusiva pretende reconhecer que todas as pessoas são sujeitos de direitos e precisam ser respeitadas e valorizadas tendo todos os seus direitos assegurados por lei.

Segundo Tenório, Ferraz e Pinto (2015), garantir a oferta de vaga ou acesso à escola não é suficiente: é necessária uma educação de qualidade, mas a qualidade educacional depende de fatores como a eficácia e a equidade. Para

estes autores, a equidade: na educação implica em reconhecer que nem todos aprendem ou devem ser ensinados da mesma forma igualitária, pois um processo educacional que busca a equidade pressupõe o reconhecimento e o respeito às diferenças e é capaz de fazer com que todos os alunos desenvolvam as competências e habilidades esperadas para o nível de estudo, levando em consideração as diferenças pessoais, socioeconômicas e culturais do aluno. Assim, se faz necessário que a escola não seja indiferente com as diferenças e trate de forma diferente a partir de suas necessidades e subjetividades os desiguais, pois se todos são tratados igualmente, a desigualdade permanece (TENÓRIO et al., 2015, p.8).

Buscando garantir por direitos uma educação que seja igual para crianças, jovens e adultos, que seja pública, de qualidade, buscando por fim as desigualdades foi elaborada a Declaração de Salamanca, que foi considerada um marco importante para a escola inclusiva e nesse documento foi discutido o direito para a educação das pessoas com deficiências.

Para Sasaki (2004, p.2) uma escola comum só se torna inclusiva depois que se reestruturou para atender à diversidade do novo alunado em termos de necessidades especiais (não só as decorrentes de deficiência física, mental, visual, auditiva ou múltipla, como também aquelas resultantes de outras condições atípicas), em termos de estilos e habilidades de aprendizagem dos alunos e em todos os outros requisitos do princípio da inclusão. E para que essa aprendizagem possa ocorrer de maneira favorável podemos utilizar ferramentas lúdicas que criem possibilidades de aprendizagem e construção de conhecimentos comum a todos.

Desta forma, esta investigação tem como questão norteadora: Como construir possibilidades para aprendizagens significativas dos educandos com transtorno do espectro autista (tea) através de experiências lúdicas por meio da música, movimento, dança e arte? Essa investigação foi realizada na sala regular do 2º ano das series iniciais do ensino fundamental na qual tem 3 educandos autistas.

Pensando nesta perspectiva, realizou-se a pesquisa e elaboração de algumas atividades em formato de oficina que contribuam para o desenvolvimento das habilidades sociais e cognitivas destes educandos, inspirando-os a se comunicarem; expressando seus desejos, necessidades e criatividade; interagindo de forma prazerosa e lúdica utilizando a arte, brincadeiras, movimentos e música na sua forma de expressividade resultando em aprendizagens prazerosas e significativas.

2 DESENVOLVIMENTO

A Constituição Federal de 1988 (2016, p. 123) em suas linhas vem assegurar a educação como direito de todos.

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

Outro documento que afirma a educação inclusiva é a Declaração de Salamanca (1994, p. 8) o documento descreve

cada criança tem o direito fundamental à educação e deve ter a oportunidade de conseguir e manter um nível aceitável de aprendizagem, cada criança tem características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem que lhe são próprias, os sistemas de educação devem ser planejados e os programas educativos implementados tendo em vista a vasta diversidade destas características e necessidades, as crianças e jovens com necessidades educativas especiais devem ter acesso às escolas regulares, que a elas se devem adequar através duma pedagogia centrada na criança, capaz de ir ao encontro destas necessidades

Assim, ambas as leis relatam que para que haja a inclusão, os educadores devem estar atentos a forma que o seu educando desenvolve a aprendizagem, aceita-los como são, acreditar nas potencialidades, escutá-los, interagir com eles, valorizar e incentivar as suas produções e ajudar na autonomia deste.

Essa investigação vai tratar especificamente sobre a aprendizagem dos educandos com o transtorno do espectro autista (TEA) que de acordo com o DSM-5, o Transtorno do Espectro do Autismo, classificado como um dos transtornos do Neurodesenvolvimento, caracterizado pelas dificuldades de comunicação e interação social e também os comportamentos restritos e repetitivos.

Dessa forma, sabe-se que um dos principais desafios encontrados pelos educandos autistas é a dificuldade para socializar com meio social que o cerca. É importante que este educando TEA sinta-se acolhido no ambiente educacional. Assim manter uma rotina com a repetição de atividades em sala é favorável aos educandos. É importante saber a quais estímulos (visuais, sensoriais, auditivos, olfativos, táteis) ele responderá melhor. Uma forma de atrair atenção desse educando é saber se o mesmo tem interesse em algum tema específico e usa-lo para desenvolver a aprendizagem deste, mantendo assim a concentração.

De acordo com Mantoan (2015, p. 35), “as ações educativas têm como eixos o convívio com a diferença e a aprendizagem como experiência relacional, participativa, que produz sentido para o aluno, pois contempla sua subjetividade”.

As ações educativas do educador devem ser inclusivas, ao passo de ofertar aos seus educandos seja qual forem suas dificuldades, capacidades,

aptidões, o acesso a uma educação de qualidade resultando assim em uma aprendizagem.

A educação inclusiva para acontecer no ambiente escolar não é tão fácil, porém não impossível de acontecer. Precisamos usar de estratégias que promovam a inclusão dos educandos com tea no processo de aprendizagem. E assim pensou-se na oficina como forma de trabalhar o uso de atividades lúdicas e criativas como: música, movimento, dança, através delas os educandos se envolvem por completo e sentindo-se motivados, confiantes e terminam por interagir com o meio brincando.

Dessa forma o lúdico na educação se justifica para Kishimoto (2008, p.192) porque: é um recurso pedagógico; possui componentes do cotidiano e o envolvimento desperta o interesse do educando, que se torna sujeito ativo do processo; os jogos proporcionam a observação das habilidades e dos interesses dos educandos.

Assim, o lúdico termina por despertar interesse nos educandos além de desenvolver habilidades, iniciativa, criatividade, autonomia, criticidade, a linguagem, curiosidades, o emocional, afetividade com seus pares, além de desenvolver conhecimentos, funções executivas e o desenvolvimento psicomotor trabalhando com o esquema corporal, lateralidade e a coordenação motora.

Conforme Araújo (2012) as brincadeiras são uma ferramenta lúdica para desenvolver o potencial cognitivo, psicomotor, social e afetivo da criança, sempre respeitando o seu nível de desenvolvimento, promovendo aulas muito prazerosas.

Desta forma, as atividades lúdicas foram trabalhadas durante a oficina com educandos autistas para estimular as áreas de interação social, comportamento, a comunicação além dos conceitos pedagógicos desenvolvendo aprendizagens significativas e também os aspectos cognitivos, sociais e motores através da música, movimento, dança e da arte.

Para Schimidt (2013) a música provoca à externalização de conteúdo internos, convoca à expressão e à busca das necessidades de cada indivíduo. Partindo desse pressuposto podemos dizer que através da ludicidade, sejam elas músicas, danças, jogos e brincadeiras, para a criança com autismo, o ambiente, e o contato com outras crianças são importantes para que a interação venha acontecer.

Quando o educando começa a interagir com a música de acordo com os comandos, a criança começa a interagir com o grupo que participa da atividade e dessa forma aproxima quem está participando da atividade com ele, ocorrendo a interação social entre participantes. Com o estímulo sonoro é possível ter ganhos como a expressão corporal através dos movimentos e o canto através da letra da canção, e percebe-se os ganhos como interação entre os educandos.

Assim, a importância das intervenções lúdicas com os educandos TEA contribuem para a interação com seus pares, para praticarem e aprimorarem suas habilidades comunicativas, além de aspectos motores, cognitivos, afetivos, sociais e auxiliam no desenvolvimento do ensino e da aprendizagem na sala de aula regular.

3 Resultados e discussões da pesquisa

O ensino do brincar, especialmente do brincar entre pares, é um importante foco nas intervenções com as crianças com TEA, pois: (a) crianças que não aprendem a brincar perdem oportunidades de interação social; (b) o aumento da qualidade e da frequência no brincar de forma adequada reduz estereotipia e outros problemas de comportamento em algumas crianças com TEA e pode ser uma abordagem efetiva na prevenção e tratamentos destes comportamentos; (c) o ensino do brincar reduz as diferenças observáveis entre as crianças com TEA e as crianças sem TEA (WOLFBERG et al., 2014, p.837).

Durante a oficina aplicou-se algumas atividades como expressão corporal, jogo do boliche e os cantinhos pedagógicos compostos de desenho livre, massinha de modelar, pintura com a guache gogo do esquema corporal e o recorte e a colagem.

A primeira atividade a ser desenvolvida, foi a expressão corporal, trabalhou-se com a música e a dança. Utilizamos a música “Pula pra lá e pula pra cá” (Aquecimento do Léo Megga) afim de desenvolver a habilidade da lateralidade (direita e esquerda) e conceitos como: frente, atrás, do lado, em cima e embaixo. Com essa mesma atividade foi possível trabalhar o reconhecimento corporal: os órgãos do sentido de forma lúdica com a música Cabeça, ombro, joelho e pé.

Durante a execução da música percebeu-se que os 3 autistas participaram juntamente com a turma. Pularam e faziam os movimentos de acordo com os comandos da música. Alguns educandos fizeram uma roda e deram a mãos e começaram a interagir com os educandos Tea. A atividade foi bem positiva.

Segundo Levin (2000, p.113) esquema corporal e imagem corporal são o que se pode dizer ou representar acerca do próprio corpo. Na criança autista certamente se encontra confuso, não por uma falha no esquema corporal, mas pela ausência, pela carência da imagem do outro que não fez a inscrição, os contornos desse corpo, que não gerou desejo e imagem, para que sejam geradas irão necessitar um do outro que imagine que ali há um sujeito e não um objeto. Desse modo, a criança poderá espelhar-se nessas imagens, no outro criando a possibilidade de construir um esquema corporal e uma imagem corporal.

Dessa forma ao realizar esta atividade na oficina pode-se perceber que todos participaram e interagiram com os educandos da sala, foi mantido a cada comando o contato visual, durante a música há comandos e sequencias e estas foram seguidas, houve a intervenção durante a aplicação da sequência e todos foram seguindo os comandos e reconhecimento corporal e lateralidade. Percebeu-se nessa atividade o estabelecimento de vínculos com os educandos o que ajuda no convívio do autista no convívio sociocultural e em sua aprendizagem.

Na aplicação da segunda atividade proposta o Jogo do boliche, desenvolveu-se um trabalho com as cores, quantidade, operações matemáticas, noção de espaço, coordenação motora, trabalho em grupo resultando assim na socialização uns com os outros, comunicação e interação na hora do jogo.

Observou-se que durante o jogo do boliche apenas 2 educandos autistas se envolveram em competições com a turma como a de quem derruba mais peças e a cada rodada contava-se quantos pinos cada um derrubava, quantos restavam e as cores que estavam presentes nos pinos. O educando que não envolveu foi devido a questão da agitação em relação ao jogo, pois a turma gritava durante o acerto nas jogadas, então o mesmo buscou envolver-se em outra atividade.

Trabalhou-se aqui com regras as quais os alunos incluindo os autistas seguiram, a coordenação motora e formação de grupos no qual também interagiram, acontecendo assim trocas uns com os outros e assim a interações e comunicações. Percebeu-se durante o jogo a torcida dos educandos quando os 2 autistas jogavam, sempre apoiando uns aos outros.

De acordo com Miranda (2003, p. 6) reconhecemos que trabalhar com classes heterogêneas que acolhem todas as diferenças traz inúmeros benefícios ao desenvolvimento das crianças deficientes e também as não deficientes, na medida em que estas têm a oportunidade de vivenciar a importância do valor da troca e da cooperação nas interações humanas.

A terceira atividade a ser desenvolvida foi a dos cantinhos pedagógicos, tivemos atividades nos quais os educandos tinham livre acesso para escolher o que mais chamava atenção: desenho livre, massinha de modelar, pintura com guache, quebra cabeça do esquema corporal, recorte e colagem.

Dessa forma os educandos ficaram livres para desenharem. 2 dos educandos TEA fizeram vários super-heróis e dinossauros e contaram histórias sobre. Os mesmos conseguiram trabalhar com a massinha de modelar e a tinta guache. Inicialmente 2 sentiram um incomodo ao tocar, porém logo que estimulado aos poucos foram trabalhando e apenas 1 não conseguiu trabalhar com a tinta guache e nem a massinha devido a questões sensoriais.

No jogo do esquema corporal os 3 alunos TEA juntamente com outros educandos desenvolveram o jogo sem a intervenção, montaram as partes do corpo humano sozinhos e ao terminarem mostraram parte por parte do que haviam montado por fim no recorte e colagem foi observado uma certa dificuldade pelos 3 alunos TEA na coordenação motora terminando por rasgarem o papel.

Mèredieu (2006, p. 6), considera o desenho como fundamental no processo educativo, como uma forma de desenvolvimento de aprendizagem. De acordo com Fernandes (2010, p. 56) essas atividades artísticas que podem contribuir com a inclusão do indivíduo com TEA em seu meio, dando oportunidades para que o seu cérebro seja estimulado, [...] possa por alguns instantes ser levado a perceber, [...] mundo que nos cerca.

Assim, a oficina possibilitou a adaptação nas atividades para aprendizagem destes alunos dentro da sala regular, a integração e socialização destes educandos dentro do grupo, desenvolvendo assim suas habilidades: cognitivas, visuais, auditivas, táteis e motora.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Autismo é um transtorno que apresenta alterações na capacidade de comunicação, socialização, estabelecer contato visual, imaginação, interesses limitados e estereotípias. A inclusão do TEA no ambiente escolar possibilitará ao mesmo o respeito às diferenças assim como o crescimento e o desenvolvimento da aprendizagem.

Observou-se que de acordo com a questão norteadora: Como construir possibilidades para aprendizagens significativas dos educandos com transtorno do espectro autista (tea) através de experiências lúdicas por meio da música, movimento, dança e arte? As atividades que foram aplicadas durante a oficina tiveram aceitação por meio dos educandos levando-os a comunicação com os outros educandos, interação social grupal e colaboração nas atividades realizadas além da aprendizagem. Percebeu-se a aceitação dos comandos e regras durante as atividades realizadas.

Observou-se também durante a aplicação de atividades/brincadeira de estímulos sensoriais, uma redução nos comportamentos de estereotípias e ecolalias pois essas promovem o mesmo tipo de estimulação que o comportamento estereotipado. Durante a música a mesma foi cantada fazendo-se os gestos e movimentos que a mesma pedia trabalhando e aprendendo sobre o corpo humano e a lateralidade.

Outro ponto positivo é que durante as atividades propostas os

educandos interagiram com seus pares sem demonstrarem nenhuma atitude de exclusão, estavam livres e espontâneos durante a realização das atividades deixando em evidencia que o ato de brincar promove um ambiente seguro e acolhedor no qual a pessoa consegue se expressar livremente sem paradigmas.

Dessa forma, entende-se que apesar de poucos dias os resultados encontrados durante a realização da oficina foram positivos e a partir da análise dos dados observou-se que estas atividades podem ser trabalhadas na rotina da sala regular destes educandos afim de estimular a aprendizagem dos mesmos de forma lúdica.

Palavras-chave: Aprendizagem. Inclusão. Lúdico. Transtorno do Espectro Autista (TEA).

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5.** Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARAÚJO, Márcia. **Brincando com a criança autista na sala de aula**, 2012. Disponível em: <http://piumhi.apaebrasil.or.br/noticia.phtml> > Acesso em: 7 jul 2024.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, DF: Presidente da República, [2016].

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018.

FERNANDES, L. B. **Ensino de arte no universo autista:** um relato de Extensão da Faculdade de Artes do Paraná. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Artes, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, Brasil, 2010.

LEVIN, E. **A Clínica Psicomotora: O Corpo Na Linguagem.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

KISHIMOTO, T. M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e educação.** São Paulo: Cortez, 2008..

MANTOAN, M.T. E. **Inclusão escolar – O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Summus, 2015.

MÈREDIEU, Florence de. **O desenho infantil.** São Paulo: Cultrix, 2006.

MIRANDA, José Rafael. **Habilitação em educação Especial e Formação de Professores:** questões sobre a política de inclusão. Dissertação de mestrado. Universidade Católica de Brasília, 2003.

SASSAKI, R. K. **As escolas inclusivas na opinião mundial**. Disponível em: http://www.viverconsciente.com.br/exibe_artigo.asp?codigo=75&codigo_categoria. Acesso em: 7 Jul. 2024.

SCHMIDT, C. **Autismo, Educação e Transdisciplinaridade.** Campinas, Brasil: Papirus, 2013.

TENÓRIO, Robinson Moreira; *et al.* **Eficácia e equidade**: indicadores de qualidade da educação básica no Brasil. Projeto Equidade no Ensino Superior. Faculdade de Educação – FAGED, 2015.

UNESCO. **Declaração de Salamanca**. Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais, 1994. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>> Acesso em: 7 jul. 2024.

WOLFBERG, P. et al. Integrated play groups: Promoting symbolic play and social engagement with typical peers in children with ASD across settings. **Journal of Autism And Developmental Disorders**, v. 45, n. 3, p. 830-845, 2014.